

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MOACIR CESAR KUHLKAMP**

**BULLYING RACIAL: A COR DO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO LATENTE  
NAS ESCOLAS**

**CAMPO LARGO**

**2015**



MOACIR CESAR KUHLKAMP

BULLYING RACIAL: A COR DO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO LATENTE  
NAS ESCOLAS

Trabalho apresentado como requisito parcial à  
obtenção do grau de Especialista no curso de pós-  
graduação em Educação das Relações Étnico-  
Raciais da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profº Sérgio Luis Nascimento.

CAMPO LARGO

2015

*A todos os negros que são ou foram vítimas de bullying e preconceito racial.  
A todos vocês minha admiração e o meu mais profundo respeito.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por me ajudar a superar os desafios.

À minha esposa Nayanna, pessoa com quem amo partilhar a vida, sempre me apoiando e me proporcionando momentos inesquecíveis.

Agradeço de forma especial e carinhosa à minha família Régis, Vera, Ricardo e Carol pelo amor verdadeiro, incentivo e apoio incondicional.

Aos profissionais da Universidade Federal do Paraná, pela amizade, compreensão, suporte e conhecimentos tão valiosos.

*Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie. Quem almeja ver dias felizes, precisa aprender a amar a sua espécie (...). Se você amar profundamente a espécie humana, estará contribuindo para provocar a maior revolução social da história.*

*Augusto Cury*

## RESUMO

Este trabalho visa facilitar a compreensão do que é o bullying no ambiente escolar e manifestar a sensibilidade na percepção do preconceito e da discriminação expressas nas relações raciais, contribuindo para o respeito à diversidade humana. A proposta parte do compromisso em construir uma educação libertadora que tenha como norte a cidadania, a tolerância e a solidariedade, inserindo nas práticas sociais da escola princípios que se comprometam com estas perspectivas, colocando pais, educadores, gestores e educandos como agentes participantes da ação. A problemática trazida por este ensaio é um dos temas mais preocupantes na atualidade, visto que, o preconceito e o comportamento agressivo entre estudantes são problemas que vêm ganhando proporções assustadoras. Com a preocupação em promover uma educação compromissada com o desenvolvimento do futuro cidadão e aspirando a convivência positiva entre as pessoas, este foi direcionado com pesquisa bibliográfica, visando construir mecanismos que permitem avançar para além dos boatos e noticiários sobre a complexa e contraditória história do negro no Brasil, assim como o cruel legado deixado pelo racismo ao longo dos séculos. Na busca de compreender as relações humanas e apontar as consequências e atitudes a serem tomadas em prol de todos que compõem o universo escolar, o estudo também traz uma reflexão sobre o papel da escola na desconstrução do racismo.

Palavras-Chave: Preconceito racial. Agressão. Intimidação. Relações étnico-raciais. *Bullying escolar*.

## **ABSTRACT**

This work aims to facilitate the understanding of what bullying in the school environment and express sensitivity in the perception of prejudice and discrimination expressed in race relations, contributing to the respect for human diversity. The proposal of the commitment to build a liberating education which has the north citizenship, tolerance and solidarity, entering in the social practices of school principles that are committed to these prospects, placing parents, educators, managers and students as participants in the action agents . The issue brought by this test is one of the most worrying issues nowadays, since prejudice and aggressive behavior among students are problems that have been gaining frightening proportions. Anxious to promote a committed education with the development of future citizens and aspiring to positive relationships between people, this was directed to literature, aiming to build mechanisms to move beyond the rumors and news about the complex and contradictory history of black in Brazil, as well as the cruel legacy of racism over the centuries. In the quest to understand human relations and point out the consequences and actions to be taken on behalf of all who make up the school environment, the study also presents a reflection on the role of schools in the deconstruction of racism.

Keywords : Racial Prejudice . Aggression. Intimidation. Ethnic-racial relations. School bullying .



## ***SUMÁRIO***

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR E O FENÔMENO BULLYING .....</b>	<b>12</b>
<b>3. A RESPONSABILIDADE DE PAIS, EDUCADORES E GESTORES NO DIAGNÓSTICO, BUSCA DA PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING.....</b>	<b>20</b>
<b>4. O FENÔMENO BULLYING NA PRÁTICA ESCOLAR E O PAPEL DO GESTOR .....</b>	<b>26</b>
<b>5. O NEGRO NO BRASIL: A ABRANGÊNCIA E A INTENSIDADE DO PRECONCEITO NO DECORRER DA HISTÓRIA .....</b>	<b>28</b>
<b>6. RACISMO E BULLYING: HÁ ALGUMA RELAÇÃO ENTRE ESSAS ATITUDES?.....</b>	<b>31</b>
<b>7. O PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO .....</b>	<b>36</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A questão da discriminação e da violência no ambiente escolar vem sendo considerados fatores cada vez mais preocupantes e urgentes para a nossa sociedade. Atitudes de intimidações veladas, de intolerâncias, preconceitos e desrespeito ao próximo, são características das atitudes expressas no fenômeno *bullying*, atitudes essas que ocorrem intencionalmente, de modo repetitivo e sem motivação aparente tomando proporções absurdas com o passar do tempo. Identificada principalmente pela desigualdade de poder existente entre o agente provocador (agressor) conhecido como o valentão ou machão da turma e a vítima, aquela que é considerada mais frágil e tímida, o *bullying* tem proporcionado o sofrimento e dor de milhares de estudantes no mundo inteiro (FANTE, 2005).

Para entender melhor este assunto e colaborar na descoberta de soluções é que emergiu o interesse em se investigar comportamentos hostis relacionados aos negros no contexto escolar, cujas origens remontam e reproduzem estereótipos criados a partir do preconceito, a fim de justificar atitudes de antipatia, intolerância e agressividade.

A ideologia pautada em conceitos e valores preconcebidos acerca da cultura e da história do negro no Brasil tem influenciado a discriminação vivida no cotidiano das escolas. Sob tal prisma, buscou-se promover com esse estudo, a reflexão e a integração entre regras de convivência social saudável entre os estudantes.

O tema Racismo no ambiente escolar e sua relação com o fenômeno *Bullying* – frente à responsabilidade social de pais e educadores na prevenção e combate do comportamento das crianças e adolescentes, colocam de imediatos três questionamentos: Que tipo de violência e agressão é caracterizado como *Bullying*? Qual a responsabilidade social existente neste comportamento? E, por fim: O que é possível fazer para preveni-lo?

Na intenção de responder tais indagações e oferecer suporte teórico é que este ensaio foi norteado, no sentido de conhecer o fenômeno *bullying*, quais suas consequências, quem são os responsáveis em prevenir e combater tal comportamento, quais os principais elementos que atuam na violência e na agressão, quais tipos de violência são exercidos e sobre quem. Neste contexto, o objetivo do estudo foi colaborar na remediação e prevenção contra atos de discriminação e violência, propondo assim, um olhar mais atento às questões do

racismo e do preconceito de forma a contribuir para a garantia da discussão desta temática no ambiente escolar.

## 2. VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR E O FENÔMENO *BULLYING*

Segundo Mello (2010) uma das principais preocupações e proposições assumidas no meio educacional é a violência no ambiente escolar. Estudos realizados hodiernamente a respeito da educação têm motivado inúmeros debates e discussões a respeito da influência das relações interpessoais no crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes.

No que se refere ao fenômeno *bullying* sua origem data desde o início da década de 70, na Suécia, com a comoção de grande parte da população quanto ao comportamento agressivo e suas consequências no ambiente escolar. A mesma situação vinha ocorrendo há anos na Noruega, trazendo angústia e temor entre pais e professores.

No ano de 1982, com o suicídio de três crianças, a história do bullying começou a ser reescrita na Noruega. Segundo investigações, as mesmas eram submetidas a situações de maus-tratos, o que teria motivado a tragédia. Em resposta a grande mobilização nacional que ocorreu na época, o Ministério da Educação da Noruega realizou uma campanha no ano de 1983, visando o combate do bullying escolar.

Nessa mesma época, o pesquisador norueguês Dan Olweus<sup>1</sup>, iniciou um estudo com o intuito de avaliar a incidência do bullying na vida escolar dos estudantes. Ao reunir professores, pais e alunos, foi possível constatar que um em cada sete alunos, estava envolvido em caso de bullying (SILVA, 2010).

Diante dessa revelação, a sociedade civil (com o apoio do governo norueguês) teve a ideia de realizar uma campanha antibullying. Tal iniciativa foi tão bem sucedida que, além de reduzir os casos dessa prática nas escolas, teve uma repercussão em outros países, como Portugal, Inglaterra e Canadá. Nos Estados Unidos, o fenômeno bullying vem crescendo de forma assustadora, "a ponto de os estudiosos no assunto classificarem como um conflito global" (SILVA, 2010, p. 112).

Para Aramis (2005), nas últimas décadas discute-se muito sobre o tema, buscando adequar e compreender as situações cotidianas e criando possibilidades que possam atuar na prática educacional. Trazendo uma definição abrangente o

---

<sup>1</sup> Dan Olweus realizou o primeiro levantamento a respeito do problema da intimidação nas escolas na Suécia e, posteriormente, na Noruega, tendo mais tarde exercido grande influência sobre as pesquisas realizadas na Inglaterra, na década de 90, após a tradução de seu livro: *Aggression in schools: bullies and whipping boys* (1978).

termo *bullying* foi adotado de diferentes maneiras nos mais variados países. A extensão do tema se espalhou pelos demais países da Europa e América, com o intuito de conscientizar sobre o problema e promover o combate às agressões provindas desta relação entre estudantes.

No Brasil, somente na década de 80 surgem os primeiros estudos significativos sobre a violência entre estudantes, onde pesquisadores brasileiros puderam constatar a ausência de investigações sobre as características e incidência da agressão entre pares no contexto escolar.

A palavra *bullying* é de origem inglesa, adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Este termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.(FANTE, 2005, p.33).

Sem dúvida, o bullying é um dos problemas mais difíceis encontrados no contexto escolar. As consequências são nocivas a quem o sofre, podendo causar transtornos psíquicos irreversíveis e baixa autoestima, onde somente a atuação de um médico ou psicólogo pode ajudar a superar tamanho problema.

Se recorrermos ao dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra bully: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Mas a expressão diz muito mais, corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás dessas ações sempre há um bully que domina a maioria dos alunos de uma turma e “proíbe” qualquer atitude solidária em relação ao agredido. (SILVA, 2010, p.21).

Estudos pioneiros realizados no Rio de Janeiro, pela Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), divulgaram os resultados obtidos dos diagnósticos realizados em pesquisas sobre a ocorrência do fenômeno *bullying* nas escolas, salientando que essa conduta traz grandes preocupações e transtornos sociais. Segundo Chalita (2008) a Abrapia conceitua o termo *bullying* como sendo todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais

estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Na concepção de Constantini, (2004, p. 69), bullying é:

Um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com a vítima predestinada.

As brincadeiras saudáveis e divertidas tornam-se perversas a partir do momento que extrapolam o limite do respeito ao próximo, tais comportamentos acontecem na relação entre pares, sendo mais frequentes entre os estudantes e podem causar danos irreversíveis à vítima.

No país, casos extremos da prática de bullying foram amplamente divulgados pela mídia. Dentre eles, é interessante lembrar o caso ocorrido no Rio de Janeiro, com Samuel Teles da Silva, de 17 anos.

Em setembro de 2008, ele foi espancado com socos na cabeça, dentro da sala de aula e no pátio da escola, por vários colegas de classe. O motivo desse ataque covarde pode ter sido o mais banal possível: os agressores não gostaram do seu novo corte de cabelo. Dias depois, o adolescente veio a falecer, vítima de meningoencefalite purulenta e contusão cerebral. (SILVA, 2010, p.119)

Diante desse e tantos outros fatos, observa-se a urgência de estudos constantes sobre o assunto, bem como a contribuição de políticos de todos os estados brasileiros para a conscientização da importância da prevenção e combate ao bullying. Conforme Olweus (1999, p.10), “um estudante está sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes”.

A extensão do tema se espalhou pelos demais países da Europa e América, sendo utilizado o conceito de Olweus (1993) nos diversos estudos científicos, o qual define bullying como um comportamento agressivo e negativo, que pode acontecer de forma física ou verbal, ao longo do tempo e de forma repetitiva, caracterizando-se por um desequilíbrio de poder físico ou psicológico.

Com o intuito de conscientizar sobre o problema e promover o combate às agressões provindas desta relação entre estudantes, a própria legislação brasileira através do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), lei 8.069 de 13/07/1990,

dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente, nos artigos 5º, 17, 232 e 245, em defesa contra a discriminação, violência, crueldade e opressão.

Em Pernambuco, foi sancionada a Lei 13.995 de 22 /12/2009, que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e prevenção ao *bullying* escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de educação básica do Estado de Pernambuco.

A Lei municipal de Curitiba n. 13.632/2010 também dispõe sobre a política antibullying nas instituições de ensino, capacitando os profissionais da educação não somente na prevenção e no diagnóstico do fenômeno, mas, para que possam assumir a discriminação racial como um problema a ser enfrentado no ambiente escolar e na sociedade em geral.

Tais iniciativas embora indispensáveis, não são suficientes para disseminar os conflitos existentes, tendo em vista que o comportamento agressivo entre estudantes vem aumentando consideravelmente. Segundo Charlot (2005) a violência nas escolas cresceu a partir da década de 90, causando preocupação e muita inquietação no meio educacional.

A problemática trazida pela existência do comportamento agressivo e violento na vida escolar levou a educadora Cleo Fante a pesquisar e estudar sobre o tema e a partir daí desenvolver um programa pioneiro no Brasil na prevenção do fenômeno *bullying*. Este trabalho instituiu um programa chamado de “Educar pela Paz”, que de acordo com a autora:

A elaboração desse programa – fruto de anos de experiência no magistério e de exaustivas pesquisas no campo da educação – tem como objetivo possibilitar, aos responsáveis pelo desenvolvimento socioeducacional, a conscientização e a identificação do fenômeno por meio de sua caracterização específica: o diagnóstico do fenômeno por meio do conhecimento da realidade escolar, obtido pelos instrumentos de investigação utilizados; e as estratégias psicopedagógicas de intervenção e prevenção, de fácil aplicabilidade entre os alunos, que podem ser adaptadas conforme as necessidades de cada escola. (FANTE, 2005, p. 94)

Assim, esses estudos vieram possibilitar o conhecimento mais amplo dos conceitos e características que identificam o *bullying*; a partir de algumas atitudes verbais, físicas e/ou morais, tomando o caráter de atitudes maldosas e repetitivas

elencam-se no quadro abaixo, segundo Fante (2005), os comportamentos mais presentes no ambiente escolar:

Agressões Verbais	Agressões Físicas	Agressões Morais	Assédios sexuais
Colocar apelidos pejorativos;  Zoar;  Fazer piadinhas de deboche;  Ofender;  Fazer gozações;  Humilhar com xingamentos;	Agredir fisicamente como:  Chutar;  Bater;  Espancar;  Empurrar;  Beliscar;  Roubar materiais;	Amedrontar ou aterrorizar;  Aterrorizar ou ameaçar;  Desprezar; Ignorar; Isolar;  Excluir;  Humilhar, perseguir ou ridicularizar; Discriminar; Difamar; Dominar;	Abusar;  Violentar;  Assediar (molestar verbalmente ou fisicamente);  Insinuar

**FONTE:** FANTE, 2005, p. 103

Ao se admitir que exista este tipo de violência no ambiente escolar, é possível a identificação dos agentes participantes deste fenômeno: as vítimas, os agressores e os expectadores. Essa relação se define na vivência da escolaridade, tanto no interior como no exterior das escolas, sendo que, os maiores números de ocorrência acontecem no interior das escolas.

A ideia de que alguns tipos de comportamentos são visíveis para diagnosticar a ocorrência do *bullying* escolar é limitada, pois, a vitimização entre pares deve ser interpretada como fenômeno social. Embora relevantes, a atenção em sinais de alerta individuais pode mascarar como características do contexto social contribuindo para a manutenção de interações agressivas na escola. Observe a seguir a tabela, disponibilizada pelo Jornal da Pediatria (2005), que elencam alguns deles:

Sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de bullying:
--

Alterações no sono
--------------------

Cefaléia
----------

Dor epigástrica
-----------------

Desmaios
----------



Vômitos
Dores de extremidades
Paralisia
Hiperventilação
Queixas visuais
Queixa de intestino irritável
Anorexia
Bulimia
Isolamento
Tentativa de suicídio
Agressividade
Irritabilidade
Perda de memória

Histeria
Depressão
Pânico
Relatos de medo
Resistência em ir à escola
Demonstração de Tristeza
Insegurança em estar na escola
Mau rendimento escolar
Atos deliberados de autoagressão
Enurese urinária

FONTE: Adaptado de Lopes Neto, 2005.

Chalita cita em seu livro alguns casos de preconceito e desprezo ocorridos nas escolas, abordados a partir de fatos reais na faixa etária entre 7 a 12 anos:

Luzia conta que seus filhos de 12 e 07 anos de idade não queriam mais ir à escola e não brincavam com nenhum colega. Mas a mãe só se deu conta de que havia algo errado quando as crianças a questionaram, perguntando se seriam mesmo seus filhos, visto que a mãe é branca e casada com um negro. Foi então que Luzia descobriu que seu filho caçula era chamado de Carvão pelos amigos. A professora, quando procurada pela mãe, disse que não havia muito que fazer em situações como aquela. E que as crianças estavam apenas brincando e, ainda, que em brincadeira de criança era bobagem intervir. Asseverou afinal que ninguém bateu em ninguém, que ninguém espancou ninguém e por isso não havia dor. (CHALITA, 2008, p.89)

Outro caso foi de Carmem, que sentia-se muito sozinha, pois havia perdido a mãe e os irmãos eram mais velhos:

Por mais de uma vez ficou horas preparando pequenos sanduíches para receber as amigas que juraram ir visitá-la depois da escola. Animada, enfeitava toda a casa simples em que morava com o pai. Acabada a aula, ouvia das convidadas que fosse indo e que elas iriam logo depois. Movida

de um sentimento bom de acolhimento, preparava cada detalhe e esperava sem sucesso as amigas que, "brincalhonas", não iam. No dia seguinte, na escola, as amigas inventaram alguma desculpa e se prepararam para outra brincadeira. (CHALITA, 2008, p.125).

Isso caracteriza que as crianças se sentem rejeitadas e excluídas pelo grupo escolar, exatamente o local onde buscavam amizade e interação. Vale ressaltar ainda, que a formação das mesmas torna-se deficitária podendo trazer sérias consequências na vida adulta. A partir desse diagnóstico, também é possível classificar e identificar quem são os participantes do fenômeno *bullying*.

A discriminação e a exclusão social étnico-raciais, também estão presentes no espaço escolar, podendo se apresentar nas mais diversas formas, tanto partindo do docente para o discente, como do discente para o docente, do docente para docente e do discente para discente. Não é raro encontrar um docente se dizer não preconceituoso num momento, e a seguir proferir "serviço de preto", outros dizem que não chamam a atenção de fulano, pois tem "cara de bandido". Por outro lado, nota-se presente entre os próprios discentes de raça negra a aceitação da ideia de inferioridade que lhes foi imputada ao decorrer do tempo.

É inegável que as instituições de ensino são plurais e abertas à diversidade, mas, infelizmente, não se pode mascarar a verdade, o racismo existe, seja de maneira explícita, ou de forma disfarçada e oculta.

De acordo com Lopes Neto (2005), a classificação dos agentes participantes do *bullying* escolar será de acordo com a sua conduta perante o outro. A vítima típica é a primeira a ser identificada, é aquela que na maioria das vezes possui uma conduta calma, muito retraída e pouca habilidade em socializar-se, e por isto, nunca reagem contra seus agressores. Essas vítimas sentem dificuldades em impor-se ou denunciar o que está acontecendo. Estas vítimas apresentam características marcantes como: são muito altas ou muito baixas, são magras demais ou muito gordinhas, apresentam algum defeito físico que se destaca, usam roupas fora da moda, é de raça, credo ou condição socioeconômica diferente das demais. Em geral, não reagem, mas apresentam comportamento diferente ao que tinha como desinteresse em ir para a escola, baixa das notas, baixa auto estima entre outras anomalias psicológicas.

As vítimas provocadoras são aquelas que provocam outras, mas não conseguem revidar as reações contra si. Os estudantes que apresentam este tipo de

reação são em sua maioria hiperativos, e muito impulsivos, tornando sempre o responsável pelas discussões ou brigas.

As vítimas agressoras são identificadas como aquelas que revidam os maus-tratos que já sofreram, elas reproduzem toda a violência que suportaram, e passam a descontar este sofrimento em outras vítimas mais frágeis que elas. Esta conduta é muito preocupante, pois faz com que o *bullying* se torne uma epidemia.

Os agressores são aqueles que não gostam de cumprir as normas, gostam de aparecer perante os outros e se sentem bem nos desrespeito e maldade para com o próximo. A ação do agressor pode ser individual ou coletiva, se apresenta mais forte que a sua vítima, seu comportamento é cruel e perverso sempre na necessidade imperiosa de dominar e subjugar o mais fraco.

Por fim, o expectador, este corresponde aos alunos, pais, professores e adultos em geral, que são testemunhas da agressão, mas ficam inertes ao fato aprendendo a conviver com ela. Esta conduta não apoia, mas também não denuncia muitas vezes por medo de ser a próxima vítima. O expectador realiza uma conduta de omissão aos ataques, uns se sentem incomodados, mas não reagem, pois se sentem ameaçados com a presença intimidadora do agressor e outros, para se livrarem da perversidade dos agressores, preferem uma omissão de apoio (SILVA, 2010).

Segundo Antunes e Zuin os aspectos - culturais e individuais – assim como os fatores, envolvem o fenômeno *bullying*:

Está claro, e até mesmo os pesquisadores do bullying admitem, conforme apresentado inicialmente, que na ocorrência da violência discutida aqui estão envolvidos aspectos culturais (sociais, políticos e econômicos) e individuais. No entanto, é importante ressaltar que tais fatores devem sim ser analisados, problematizados e interpretados, pois não basta mencioná-los. Assim, os fatores individuais fazem referência ao desenvolvimento da personalidade nesse ambiente, e os culturais, além de se referirem à sociedade que limita o desenvolvimento em uma direção específica, também se referem às condições objetivas da incidência dessa violência de uma pessoa para com a outra. Ora, o bullying, tal como conceituado, não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante. Na verdade, o bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores. (ANTUNES; ZUIN, 2012)

### **3. A RESPONSABILIDADE DE PAIS, EDUCADORES E GESTORES NO DIAGNÓSTICO, BUSCA DA PREVENÇÃO E COMBATE AO *BULLYING***

Para Diniz (2006), a sociedade é padronizada por normas de comportamento, padrões de inteligência, de beleza, entre outros, que se tornam modelos e constituem os estereótipos. “É necessário atentar para o fato de que esses padrões não são produtos da biologia, mas socialmente criados” (ABRAMOWICZ, 2005, p.14). Na perspectiva de Tiba (1996), o comportamento agressivo e violento entre estudantes é um problema mundial, tradicionalmente também admitido como natural, tornando comum vermos as pessoas humilhar e desrespeitar umas as outras; chegando-se ao ponto de ser tornar banal este tipo de atitude e torna-se frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos.

Na busca de uma educação mais livre e menos repressora nossos pais e educadores apostaram na liberdade de relacionamento entre pais e filhos, o que levou a uma liberdade sem limites, desprezando conceitos básicos de disciplina e valores antes preservados. Sabemos que ninguém é livre totalmente, pois toda escolha exige o seu nível de responsabilidade e “a melhor disciplina é aquela regida pela liberdade. Contudo, muitos pais perdem-se nela. Liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. Liberdade absoluta não existe, pois está sempre relacionada a algo” (TIBA, 1996, p.55).

A partir daí, começou-se a questionar o comportamento das crianças e jovens e quais influências sofreram no decorrer dos tempos com as mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas nas esferas mundiais. Associada a este panorama a educação dos pais muito contribuiu na formação dos valores humanos cultivados em nosso planeta, os aspectos culturais e sociais das novas gerações passaram por uma intensa metamorfose e como resposta a nova geração constitui-se muito carente de determinados princípios e valores. (TIBA, 1996)

Um conhecimento fundamental para compreendermos a responsabilidade de pais e educadores frente ao fenômeno *bullying* são as relações interpessoais existentes no processo educativo e a influencia que esta relação familiar desencadeará na vivencia escolar desta criança e adolescente em questão.

É oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas próprias condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicado. Nem sempre os pais se dão conta de que certos comportamentos que o filho manifesta é aprendido em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que são percebidas por ele. (FANTE, 2005, p.76)

Para a autora, é importante ressaltarmos a função da escola em meio à formação e postura dos seus estudantes. Professores, supervisores e todos demais funcionários que formam a escola são agentes corresponsáveis das atitudes e práticas exercidas no meio escolar. É fundamental que se trabalhe dentro do currículo da escola valores éticos, pluriculturais, raciais e até preceitos jurídicos propiciando ao aluno a compreensão do seu próprio ser no mundo, como sujeito detentor de direitos, mas com responsabilidades inerentes de cidadão.

Balizar parâmetros a serem estudados sobre a formação do homem como ser racional e pensante, capaz de agir socialmente como ser político que é, torna a escola centro direto de formação e fortalecimento dos princípios éticos, estéticos e políticos, citados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio em seu artigo 3º, aonde determinam que a organização curricular de cada escola deva ser coerente com os princípios já citados para a observância dos valores e da Lei (LDB-9394/96).

De acordo com Melo (2010), o tema *bullying* propõe que sejam revistas e transformadas as práticas educativas tanto no ambiente familiar como também no ambiente escolar. O trabalho volta-se para a reflexão da relação entre o convívio social, oferecendo oportunidade de se trabalhar a ética, a pluralidade cultural e o respeito para com o próximo. Valorizar o diferente significa compreender o seu próprio valor e formar conceitos indispensáveis à convivência humana: a dignidade, a justiça, igualdade, a liberdade de expressão e a tolerância.

A partir das tragédias exibidas pela imprensa o fenômeno *bullying* foi tomando espaço no meio social, em busca de conscientizar e refletir sobre o tema busca-se mostrar que determinadas condutas e comportamentos de crianças e adolescentes não são simples “brincadeiras”, mas sim ações que devem ser combatidas.

Visualizar o problema e quais as consequências geradas por ele é o primeiro passo para diagnosticar e buscar soluções para prevenir e combater o *bullying* escolar.

A revista Nova Escola, na sua edição 178 (dezembro/2004), relata o caso drástico do estudante Edmar Aparecido Freitas, 18 anos, e outros dois adolescentes norte-americanos como segue a seguir o relato jornalístico:

Em janeiro do ano passado, Edmar Aparecido Freitas, de 18 anos, entrou no colégio onde tinha estudado, em Taiúva (SP), e feriu oito pessoas com disparos de um revólver calibre 38. Em seguida, se matou. Obeso, ele havia passado a vida escolar sendo vítima de apelidos humilhantes e alvo de gargalhadas e sussurros pelos corredores. Atitudes semelhantes tiveram dois adolescentes norte-americanos na escola de Ensino Médio Columbine, no Colorado (EUA), em abril de 1999. Após matar 13 pessoas e deixar dezenas de feridos, eles também cometeram suicídio quando se viram cercados pela polícia. Assim como o garoto brasileiro, os jovens americanos eram ridicularizados pelos colegas. (NOVA ESCOLA, 2004)

Os exemplos de Edmar e dos garotos de Columbine, que tiveram reações extremadas, são um alerta para os educadores. "Os meninos não quiseram atingir esse ou aquele estudante. O objetivo deles era matar a escola em que viveram momentos de profunda infelicidade e onde todos foram omissos ao seu sofrimento" (NOVA ESCOLA, 2004), analisa o pediatra Aramis Lopes Neto, coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, desenvolvido pela Abrapia.

Os casos acima servem de alerta a educadores, pais e alunos, quanto à questão da violência e indisciplina das crianças e adolescentes no mundo globalizado em que vivemos. Quando se fala em indisciplina, tema muito abordados entre professores e alunos, são frequentes as formas de desrespeito e agressões verbais ocorridas.

É preciso dissipar a conduta de agressão e violência no ambiente escolar, e para isto se faz necessário o diagnóstico e o combate deste comportamento lesivo ao convívio social. Os fatores que devem ser considerados são em primeiro lugar detectar e assumir a ocorrência do *bullying* no meio escolar e a partir daí gerar atividades de esclarecimento do fenômeno e normas de combate estabelecidas desde o regimento escolar até as providências a serem tomadas pelo Conselho Tutelar.

A partir de conversa e observação feita na escola com alunos é capaz de se diagnosticar as vítimas e os agressores do *bullying* escolar. Alguns comportamentos ficam mais evidentes quando há a ocorrência do *bullying* direto. O *bullying* direto é

aquele que se realiza de forma direta, por meio de agressões físicas como bater, chutar, tomar pertences, e verbais, como apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger. O *bullying* indireto é mais dissimulado, e por isto mais difícil de diagnosticar do que o direto se apresenta por meio de rumores desagradáveis, que desqualificam as suas vítimas, menosprezando-as, excluindo-a do meio social. Este por sua vez, provoca traumas irreversíveis nas suas vítimas.

De modo geral, o *bullying* não privilegia o gênero que atua, tanto meninos como meninas podem desenvolver tais atitudes de desrespeito e violência para com o próximo. Em geral as meninas se utilizam de boatos maliciosos, intimidações com sussurros e insultos que ferem a reputação da vítima. Enquanto que os meninos priorizam a força física, privilegia a força por meio de intimidações cruéis e perversas.

Então surge a pergunta: O que está faltando na formação de nossas crianças e adolescentes? O que podemos fazer? Nós ainda não temos um receituário pronto e acabado, com todas as respostas, mas temos vários fatores que são basilares a serem trabalhados. Primeiro, a escola como ambiente propício ao desenvolvimento do ser humano possui sua finalidade pautada em alguns parâmetros fundamentais.

Dreyer (2005) define a preocupação fundamental que enfrenta o sistema educativo:

Essa preocupação se expressa muito bem na tríplice finalidade da educação em função da pessoa, da cidadania e do trabalho. Desenvolver o educando, prepará-lo exercício da cidadania e do trabalho significa a construção de um sujeito que domine conhecimentos, dotado de atitudes necessárias para fazer parte de um sistema político, para participar dos processos de produção da sobrevivência e para desenvolver-se pessoal e socialmente. (DREYER, 2005, p. 118)

Nesta perspectiva a visão da escola implica na junção de forças, desde formação do seu projeto político pedagógico até a orientação e na formação dos currículos, não apenas se vinculando ao fator conteudista, mas construindo espaços para a formação do educando nas suas relações pessoais e interpessoais.

Segundo, e talvez o mais importante, é o grupo familiar e sua relação direta com o ambiente escolar. O nível de interação entre a escola e a família muito influenciará no combate e na prevenção de atitudes agressivas e violentas na escola. Uma das tarefas essenciais da família é educar os filhos, tarefa esta que se tornou um desafio na atualidade.

Tiba retrata “bem” a função de educar, pois educar não é deixar a criança fazer só o que quer (buscar saciedade).

Isso dá mais trabalho do que simplesmente cuidar porque equivale a inculcar na criança critérios de valor. A criança é regida pela vontade de brincar, de fazer. A cada movimento, está descobrindo coisas, num processo natural de aprendizagem. Junto entram os valores. Construir uma casa é muito mais fácil do que reformá-la. Reformar, no caso de um filho, seria o mesmo que sempre dizer “não” para algo que ele já fez muitas vezes. Melhor ensinar aos poucos. (TIBA, 2002, p. 109)

Mas nem todos os pais parecem estar orientando os filhos seguindo critérios básicos de valores éticos e sociáveis. Segundo Tiba (2002), há alguns casos que os pais nem enxergam o que os filhos fazem e depositam a responsabilidade/culpa sempre no outro (colega ou a escola). Para o autor, é exatamente a presença dos pais na vida integral do filho que precisa ser refletida.

Quando a família não exerce sua função ocorre um esfacelamento de conduta e valores na personalidade das pessoas. É importante que os pais participem do cotidiano de seus filhos, auxiliando-os a superar dificuldades, aconselhando-os e dialogando transferindo valores e virtudes.

O fato da ocorrência de tais sintomas deve ser cuidadosamente analisado, haja vista, poderem ser fruto de outras situações que não sejam o *bullying*. Contudo o convívio explicitará a real situação. Assim cabe a escola buscar construir fontes de pesquisas entre professores, alunos e demais funcionários da escola a fim de investigar e trazer à tona as respostas a esses sintomas.

É importante abrir espaço para que, na ocorrência do fenômeno *bullying*, comece a se tomar atitudes de combate e prevenção. Gabriel Chalita (2008) considera algumas atitudes que devem ser tomadas, a partir destes argumentos montamos um gráfico com as principais ações a serem tomadas pelas vítimas, pais e a escola.

<b>Atitudes a serem tomadas para prevenção e combate ao <i>Bullying</i> Escolar</b>		
<b>Vítima</b>	<b>Pais</b>	<b>Escola</b>
Postura: manter a postura ereta e olhar o agressor nos olhos, não com ar de provocação, mas de segurança. As vítimas	Posicionamento: não ignorar a situação, nem procurar fazer de conta de que está tudo bem.	Que todos os profissionais da escola precisam estar envolvidos com a missão de combater a violência...



<p>costumam abaixar a cabeça diante dos agressores.</p> <p>Firmeza: ser educado, mas firme. Dizer “pare” ou “que atitude infantil”. Ter atitude mais firme de desprezo a piadas de mau gosto. As vítimas costumam ouvir as humilhações em silêncio ou demonstrar que estão magoadas.</p> <p>Coragem: Não chorar ou mostrar que ficou aborrecido, mas afastar-se e, se não for possível, esconder o medo.</p> <p>Parcerias: informar um ou mais adultos, de sua confiança, sobre o ocorrido.</p>	<p>Interesse: procurar saber como ajudar seu filho: falar com a “escola” ou com psicólogos ou profissionais da área.</p> <p>Presença: manter contato com a escola e acompanhar a evolução.</p> <p>Diálogo e tolerância: conversar com calma e controlar a própria agressividade.</p> <p>Autoridade: dar orientações e limites para ajudar o filho a controlar o comportamento agressivo.</p> <p>Humildade: encorajar seu filho a pedir desculpas ao colega agredido.</p> <p>Reflexão e compaixão: exercitar com seu filho situações de se colocar no lugar na vítima.</p>	<p>Que os educadores não são membros das forças armadas nem do esquadrão de choque, e que o objetivo é eliminar a violência...</p> <p>Que o estabelecimento de vínculos pela afetividade e pela amizade é um bom começo e deve ser visto como um princípio inegociável.</p> <p>Que a prática do diálogo, o compromisso com a verdade e clareza das intenções fazem parte das regras.</p> <p>Que a ação das intenções é de cunho educativo e não repressivo ou punitivo. Contudo, cada escola deve estabelecer os critérios de sanção para os atos agressivos.</p>
---	---	---

**FONTE:** CHALITA, 2008, p. 63

Mesmo considerando essas posições, são inúmeras as possibilidades que podem ser discutidas e trabalhadas em prol da prevenção do fenômeno *bullying* escolar. O que se deve ter em mente é que a injustiça, o preconceito, o desrespeito e outras formas de agressão e violência não podem prevalecer em nosso meio social como atitudes toleráveis ou até mesmo normais.

Recorrer a lei para banir tais atitudes e procurar estabelecer um convívio social salutar a todos os seres humanos é um direito inerente a todo cidadão. Para se viver em sociedade é preciso harmonia e o simples fato de sermos diferentes uns dos outros não dá o direito de nos colocarmos num patamar superior, visto que é exatamente o diferente que nos leva a crescer e aprender novos conceitos, novas formas de vida e novos valores. Através da diversidade aprendemos a interagir, refletir e nos questionar fazendo escolhas e opinando com respeito ao outro.

#### 4. O FENÔMENO *BULLYING* NA PRÁTICA ESCOLAR E O PAPEL DO GESTOR

Aramis (2005), trazendo em discussão o fenômeno *bullying* escolar, propõe que sejam examinadas e transformadas as práticas educativas no ambiente escolar, familiar e até mesmo social. Conceitos e virtudes arraigadas em nossas relações interpessoais vêm padecendo de uma inércia generalizada no nosso meio social. Estas ausências de atitudes ou de normalidades diante de atitudes de agressividade e violência fazem com que o fenômeno *bullying* seja cada vez mais banalizado, é justamente esta atitude de aceitação e normalidade que tornou um fato preocupante diante das tragédias ocorridas mundialmente. Inaceitáveis e ilegais, os atos e as consequências do *bullying* escolar se ampliam, assim o crescimento dos conhecimentos acerca do tema no Brasil e no mundo volta-se para uma campanha coletiva para a prevenção e combate deste sofrimento.

Segundo Constantini (2004), o trabalho de pesquisa realizado na escola volta-se para o diagnóstico e o combate de causas de sofrimento, constrangimento e de exclusão social da criança e do adolescente. Além disso, o tema traz oportunidade pedagogicamente muito interessante, motivadora, que entrelaçam escola, família e comunidade local: resgatando questões do cotidiano para o âmbito psicopedagógico, colocando-se assim, simultaneamente, como objetivo e como meio do processo educacional.

Com a intenção de transmitir uma imagem de escola perfeita, gestores não refrearam atos de violência nas escolas, porém, o fenômeno *bullying* tornou-se preocupação mundial, os meios de comunicação, pais e profissionais da área vem expressando esforços no conhecimento e valorização do assunto.

Ao contextualizar o tema é possível promover uma abertura para o debate e a compreensão do valor do respeito ao outro, promovendo a valorização da autoestima do ser humano, como detentor de direitos, mas possuidor de deveres.

Por meio do convívio escolar se iniciam as primeiras experiências sociais fora do eixo familiar, a partir daí trabalha-se em prol da reprovação e repúdio das expressões de injustiças, crueldade e preconceito, cuja violência é reflexo da sociedade.

Conforme afirma Fante (2005, p.5):

Enfrentar a violência não é tarefa fácil. A violência é um fenômeno social, complexo e multifatorial. A escola sozinha não consegue conter as violências sem a participação, envolvimento e compromisso da família, sem o apoio de instituições que asseguram os direitos de crianças e adolescentes, sem o comprometimento efetivo de governos na criação de políticas públicas e aplicação de investimentos em projetos concretos que ofereçam oportunidades de mudanças significativas na vida de crianças e adolescentes, na capacitação de profissionais de educação, saúde, assistência social, operadores do direito, dentre outros, para o desenvolvimento de programas preventivos eficazes.

Ao conhecer sua própria realidade, a escola conseguirá diagnosticar as diversas formas de violência, os envolvidos, o índice e os locais de incidência, podendo traçar estratégias de enfrentamento, prevenção e combate ao bullying.

## **5. O NEGRO NO BRASIL: A ABRANGÊNCIA E A INTENSIDADE DO PRECONCEITO NO DECORRER DA HISTÓRIA**

A pele negra carrega uma história muito longa, marcada por sofrimentos e injustiças. A escravidão no Brasil representa a trajetória de um povo, de diferentes grupos étnicos, arrancado de sua terra e colocado num navio negreiro para a travessia do Atlântico. Esse ato proposital e cruel, além de causar sofrimentos inimagináveis, também contribuiu para o enfraquecimento da força étnica entre os africanos, dando início ao processo de discriminação contra os negros.

O escravismo europeu, portanto, marcou a história não somente do Ocidente moderno, mas sim, de toda a humanidade. Presenciar a destruição de seu povo, chegar num país desconhecido para servir de mão de obra e conviver com a violência do dia a dia, tornou-se a realidade dos povos africanos.

Dentro desse contexto, é importante mencionar que a diferença de cor de pele entre europeus e não europeus, não era importante nessa ocasião. Inclusive, centenas de grupos étnicos tinham nomeações variadas, assim como suas culturas, por exemplo. Com o tráfico de escravos, essas pessoas passaram a ser chamadas de negros, crioulos, dando início à diferença racial.

A partir de então, entre o século XVII e XVIII, o que não era considerado importante, tornou-se essencial para o surgimento de tipologias raciais, ou seja, a diferença de cor de pele entre europeus e não europeus, passa a ser tema de estudo no meio científico e novas teorias surgem para enaltecer o branco, justificar as desigualdades e legitimar a prática escravista.

A ideia de superioridade do branco, tidos como os mais inteligentes e moralmente superiores foi reforçada pelo domínio europeu na maior parte do mundo, em contrapartida, os negros continuaram sendo consideradas pessoas sem honra, vítimas de maus-tratos e humilhação, em suma, estavam mortos para a sociedade.

A visão biológica e evolucionista de inferioridade do negro e superioridade do branco, criou relações de poder e originou uma falsa crença de raças, a qual perpetuou por muitos séculos, exercendo um papel importante sobre os fenômenos sociais, culturais e científicos.

Ao julgar o negro menos evoluído biologicamente, assumem-se as mais variadas formas de racismo, cujos valores morais e estéticos outrora definidos pela

classe dominante, continuam presentes nos dias atuais, trazendo desvantagens econômicas, discriminação, desigualdades e segregações.

Esse assunto despertou diversos estudos e pesquisas, remetendo à análises empíricas acerca das relações étnicas raciais no Brasil e a necessidade urgente do combate à discriminação, afinal, ainda não se vive uma democracia racial, o preconceito de cor continua assolando nosso país e as diferenças sociais e econômicas entre brancos e não brancos permanecem.

Segundo o autor GUIMARÃES (2008, p. 44):

(...) as teorias que procuram compreender o preconceito racial (ou simplesmente o de cor) variam quanto ao objeto a ser explicado. Para a sociologia, o preconceito racial decorre de um modo específico de construir as fronteiras de um grupo social a partir de marcas que são entendidas como raciais (o pertencimento a tal grupo deriva de origem biológica comum, transmitida hereditariamente, e demarcada por características fisionômicas, físicas, cognitivas e morais). Trata-se de explicar, portanto, a construção e reprodução de certos grupos sociais, referidos como 'raças', 'cores', 'imigrantes' ou 'etnias', que utilizam tais marcadores para identificar quem pertence ou não a um grupo. Para a psicologia social, ao contrário, a constituição do grupo não é objeto de investigação em si, a questão recai sobre por que, em um mesmo grupo, certos indivíduos e não outros desenvolvem atitudes e comportamentos negativos em relação a membros de outros grupos radicais.

A escravidão imposta aos negros no Brasil seguia o mesmo rumo que outros países do continente americano. Os portugueses católicos tinham a si mesmos como seres superiores, afinal, eram cristãos e brancos, dessa forma, sobrepuseram primeiramente os indígenas e depois os negros. Como em sua grande maioria eram colonizadores homens, acarretou-se na falta de mulheres e, como consequência, o estupro de indígenas e negras tornou-se inevitável sendo considerado um ato legal e natural pela igreja e seus representantes, dando início à miscigenação entre brancos portugueses, africanos e indígenas. Originou-se assim, os mamelucos, os cafusos e os mulatos, cujo termo associava-se a mula ou a jumento evidenciando que a mistura entre brancos e negros, além de diferentes eram prejudiciais umas as outras.

No decorrer do tempo, as elites intelectuais, juntamente com as políticas brasileiras, baseados em teorias racistas, indagaram sobre o fato do Brasil estar na contramão do progresso, afinal, havia um número considerável de negros no país, os quais, eram considerados atrasados e desprovidos de qualquer racionalidade. Enquanto solução, acreditavam que com a imigração dos europeus, seria possível

eliminar a população negra e o país se tornaria totalmente branco, fato que não ocorreu.

O embranquecimento frustrou as elites da época, afinal, a população negra era imensa. No período de 1930, surgem intelectuais como Gilberto Freyre, que defendem e valorizam a cultura africana para a formação social do país e a partir de suas obras, argumentavam que a mestiçagem entre as três raças iria caracterizar o Brasil. Em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, Freyre afirmava que “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e ou do negro”.

As teses realizadas por Freyre (1930) e outros intelectuais, consolidou o campo que veio a ser chamado de ‘mito da democracia racial’, onde deputados e senadores construíam a partir de seus discursos, a ideia de que não havia racismo no Brasil, porém, nem todos aceitavam passivamente tal afirmação.

Nesse contexto, a Frente Negra Brasileira buscou estratégias para chamar a atenção da população quanto aos problemas sociais que a população negra vinha enfrentando, porém, o mito da democracia racial continuava ganhando o coração do povo brasileiro.

Muito tempo se passou, porém, até hoje, as representações sobre o negro continua subentendido no imaginário popular. Tais origens recuam, portanto, ao passado escravista que marcou a consciência e o modo de ser dos brasileiros, cuja população foi altamente contaminada ao longo de sua formação social e histórica por um conjunto de opiniões preconcebidas, ideias preconceituosas, que condenaram e ainda hoje condenam o negro transformando sua cor em marca de inferioridade, enfrentando más condições de trabalho e uma posição social submissa.

Infelizmente, essa ideia estereotipada presente em vários campos da sociedade, também é resultado do fracasso da população negra na escola, afinal, a escola não ficou imune à discriminação.

## **6. RACISMO E BULLYING: HÁ ALGUMA RELAÇÃO ENTRE ESSAS ATITUDES?**

O bullying, atualmente considerado um fenômeno de violência, tem assombrado a vida de muitas crianças e adolescentes, aumentando de forma assustadora o número de massacres e suicídios no mundo inteiro.

Segundo o psiquiatra Augusto Cury (2015) a geração atual é a mais triste e depressiva que já existiu. Infelizmente, a dor do preconceito, da discriminação e da exclusão, são alguns dos fatores que têm levado muitos estudantes ao fracasso e a fazer justiça com as próprias mãos.

Embora qualquer ato de violência seja degradante e ocasione danos irreversíveis, é importante diferenciar racismo de bullying. O primeiro refere-se ao preconceito, discriminação ou aversão a uma raça ou grupo social, seja pela cor de pele, diferenças sexuais, culturais ou religiosas, transmitindo a ideia de que há raças superiores uma das outras. No entanto, o bullying é uma violência que acontece de forma intencional, onde a vítima é oprimida e exposta de forma repetitiva.

Nesse contexto, é importante frisar que o racismo contra o negro pode se tornar bullying a partir do momento em que a vítima passa a sofrer humilhações, violência física ou psicológica de forma recorrente pelo seu agressor.

No Brasil, o racismo contra os negros vem sendo negado ao longo da história. Segundo FERREIRA (1999) há mecanismos subliminares mascarados por um aparente tratamento cordial, desenvolvendo a crença de que a discriminação racial não existe, tornando mais difícil a compreensão e o combate a esse mal. No entanto, a situação pode tornar-se ainda mais preocupante quando transformada em bullying racista, cujas vítimas são escolhidas por causa da cor de sua pele.

Nesse aspecto, quando o indivíduo se torna vítima tanto do racismo quanto do bullying, surge outro agravante, pois além de ser caracterizado como um processo de depreciação, os problemas relacionados às diferenças étnico-raciais são pouco debatidos no contexto escolar.

A partir dessas constatações, observa-se a urgente necessidade de atitudes mais enérgicas por parte das instituições de ensino, para que atos de violência contra negros recebam a devida atenção e os agressores sejam, de fato, punidos. Portanto, a luta pela desconstrução de estereótipos e preconceitos deve ser diária,

para que a escola não se torne um local de violência, sofrimento e desigualdade racial.

## **7. O PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO**

A falta de conhecimento traz grande desconforto ao profissional da educação, principalmente, quando o mesmo não está preparado para atender um público tão miscigenado, como é o caso da população brasileira. A formação escassa, o comodismo, a resistência e o desestímulo também são fatores que desqualificam o processo de combate à discriminação latente nas escolas.

Com a intenção de construir relações raciais mais saudáveis e resgatar a contribuição política, econômica e social do negro no Brasil, tornou-se obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, prevista na Lei nº 10.639/03.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. [...]. É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia (Brasil, 2004, p. 8).

No entanto, ao defrontar-se com a realidade no campo educacional, é possível perceber que muitas escolas ainda não desenvolvem de forma legítima, ações e práticas significativas quanto à temática. Decorrente desta dificuldade, o contexto escolar encontra-se insustentável e insatisfatório frente à superação do racismo.

Para muitos professores, trabalhar com questões raciais em sala de aula é, sem dúvida, um grande desafio. Além de gerar constrangimento, tensão e conflitos, o assunto também suscita reflexões concernentes ao ser e fazer docente, intensificando assim, princípios e conceitos preconcebidos diante do racismo.

Nessa perspectiva, o ensino das relações étnico-raciais no fazer pedagógico ainda é um assunto que gera muita polêmica e discussão entre profissionais da



educação, afinal, há aqueles que se posicionam a favor e outros que são contra a implantação da lei antirracista na escola.

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (Brasil, 2004, p. 6).

Para alcançar os resultados desejados é necessário, primeiramente, assumir o fato de que o preconceito racial existe, embora tente transparecer invisível na escola. Sendo assim, a discriminação não deve ser ignorada, ao contrário, deve ser identificada e combatida.

Para Lopes (2001, p.188):

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania.

Enfrentar o racismo institucional significa, portanto, promover o conhecimento, a interação e o respeito às diferenças. Permite ainda, mudança de postura e comportamento na interação social, bem como o rompimento com o preconceito e a discriminação existentes na escola.

Não restam dúvidas de que atos de racismo contribuem para o insucesso da instituição. Porém, um ensino voltado para as relações étnico-raciais, certamente alcançará uma educação mais justa e uma comunidade escolar sensibilizada em trabalhar coletivamente a questão racial.

Tendo em vista que o racismo é uma das práticas mais eficientes e silenciosas de discriminação, cabe à escola cumprir seu papel na desconstrução

desses estereótipos criados pela sociedade, bem como mobilizar a discussão racial enquanto temática curricular.

O resgate da contribuição política, econômica e social do negro no Brasil, bem como o processo histórico de exploração e injustiças sofridas deve ser tema de discussão em sala de aula, afinal, alunos que não são confrontados com tais reflexões, concebem as diferenças como fixas e predeterminadas.

A quebra de paradigmas, de um pensamento minado pelo preconceito pode ser revertido em conhecimento e valorização do negro, afinal, o que existem são culturas diferentes e não inferiores. Observa-se, portanto, a necessidade de construir uma educação libertadora que tenha como norte a cidadania, o respeito e a solidariedade humana.

Sendo assim, é necessário trabalhar a cultura afro-brasileira com seriedade e muito respeito, explorar os eixos temáticos que ajudam na desconstrução da visão estereotipada sobre esse povo e proporcionar atividades que, de fato, envolvam conceitos éticos e morais, bem como, o respeito às diferenças, seja por cor de pele, origem étnica, religiosa ou cultural.

Sem dúvida, abordar tais questões no ambiente escolar ainda é muito delicado. No entanto, é de fundamental importância que todos tenham conhecimento de que atos de preconceito e discriminação racial não são somente brincadeiras inofensivas, tampouco o racismo contra alunos negros deve ser entendido apenas como bullying.

Resumidamente, o bullying inferioriza, enquanto que o racismo, além de inferiorizar, também desumaniza o ser humano ao afirmar que existe uma raça superior a outra. Tal prática, além de trazer sérias consequências, colabora e muito para a propagação do preconceito na escola, fazendo com que alunos negros sejam marcados pela dor do sofrimento e da discriminação.

Repudiar tais atitudes, é o primeiro passo para a desconstrução dessas ações no cenário escolar e, principalmente, para a transformação de uma sociedade mais justa e humana, afinal, o preconceito está dentro de cada um.

Embora considerado crime no Brasil, conforme a Lei 7.716/1989, infelizmente, o racismo ainda continua existindo, mesmo que de forma velada. Porém, é lícito enfatizar que, os profissionais da educação que investem na formação em tais temas estão mais atentos para perceber tais situações entre os alunos, por outro

lado, professores que preferem não se envolver com o assunto, fazem menção equivocada ao conceito de bullying e racismo.

Os problemas relacionados à temática, não devem continuar existindo de forma latente, ao contrário, devem ser vistos com um olhar mais cuidadoso e sensível, sempre analisando as relações que permeiam no cotidiano escolar e ampliando projetos de emancipação no combate ao racismo.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou retratar e expor como a violência e o racismo no ambiente escolar são manifestados no dia-a-dia. Em uma proposta educacional voltada à formação cidadã e de respeito à dignidade da pessoa, o tema *bullying* racial ganha um significado especial ao promover elementos capazes de criar relações sociais e interpessoais educativas e responsáveis, mediante um trabalho interativo de amizade e convivência social.

Assim, a função da escola é buscar construir relações de amizade e confiança entre os estudantes, e perceber que a formação do ser humano se manifesta a partir do aprendizado do que é diferente, e assim trabalhar através do diferente e desenvolver as potencialidades de cada um com respeito à construção da identidade do próximo. Ao apresentar e esclarecer os diversos tipos de organizações sociais, culturais e diferentes etnias, será possível fortalecer ação cidadã e democrática formadora do comportamento humano.

Nesse contexto, é lícito afirmar que os efeitos do racismo, aliados à baixa autoestima da população negra, colabora e muito para o seu fracasso escolar e social. Portanto, essa temática necessita de um olhar particular sobre quais são as atitudes da escola e qual a contribuição que a sua formação está fornecendo, ao consolidar um compromisso de prática ética e de respeito com as relações entre gestores, supervisores, professores, estudantes e demais pessoas que compõe o ambiente escolar.

Pode-se redefinir o *bullying* como um subtipo de comportamento agressivo que gera atos violentos e, na maioria das vezes, ocorre dentro das escolas. A violência emerge na interação social entre pares e pode ser definida como toda ação intencional em causar danos ou prejudicar alguém. Assim, o comportamento agressivo e o *bullying* são compreendidos como um processo decorrente da interação entre a pessoa e o seu ambiente físico, social e cultural.

Desta forma, o envolvimento de todo corpo docente e discente, além de pais e comunidade como um todo em participação de projetos de redução da violência e da agressão no ambiente escolar visa esclarecer e conscientizar a respeito do combate e prevenção do fenômeno *bullying*, inserindo atividades e atitudes capazes de formar e fortalecer um ambiente escolar sadio e seguro.

O principal ponto para a prevenção e combate do preconceito, das agressões físicas e verbais, é, sem dúvida, identificar o problema e, coletivamente, atuar com vigor nas atitudes pedagógicas e educativas que pais e educadores possam ter.

O desafio proposto é de não esperar a tragédia acontecer, para só então trabalhar a formação humana dos estudantes. Conhecer a realidade é conhecer a necessidade de se investigar, descobrir e criar programas e projetos que possam situar os estudantes como cidadãos, gerando uma equidade real entre todos os grupos.

As instituições escolares, no contexto que se querem democráticas, têm como desafio o desenvolvimento de políticas de prevenção do *bullying* e de disseminação de uma cultura de paz e de tolerância mediatizada pela prática do diálogo. Nesse sentido, os órgãos colegiados possuem um relevante papel, pois podem e devem analisar, discutir, planejar e implementar projetos pedagógico-sociais junto às comunidades escolares e não escolares voltados para formação de valores éticos, de cidadania, de tolerância, de solidariedade, de valorização da vida e de vivências coletivas.

Sabendo-se que o preconceito é o primeiro passo para uma atitude discriminatória, se faz necessário a conscientização e o compromisso de cada instituição escolar na construção de uma pedagogia da diversidade, a começar vinculando a Lei nº 10.639/03 no Projeto Político Pedagógico, de forma que a história e a cultura africana e afro-brasileira sejam, de fato, valorizadas.

Finalmente, devem ser promovidas atividades como conferências, debates para esclarecimento, entendimento e sensibilização de princípios de convivência para toda a comunidade. A abertura da escola para a comunidade de modo a favorecer a proximidade da família do aluno é também uma boa medida a ser adotada como as políticas públicas já mostraram. Tal iniciativa pode favorecer ainda a sociabilidade entre alunos e uma relação mais positiva com a instituição, além de colaborar na superação de opiniões preconceituosas sobre os negros, rompendo de vez com o mito da democracia racial.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papirus, 2005.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. **Do bullying ao preconceito**: os desafios da barbárie à educação. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822008000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822008000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 04 de abril de 2015.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lex**: Leis de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB), Brasília, 1996.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

**BULLYING**. Disponível em:<<http://aacap.org/index.html>>. Acesso em 5 de junho de 2015.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade: bullying** – o sofrimento das vítimas e dos agressores. 3ªed. São Paulo: Gente, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Gente, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

**COMO LIDAR COM AS BRINCADEIRAS QUE MACHUCAM A ALMA**. Em: Revista Nova Escola, São Paulo, Abril, n.178, dez.2004.

CONSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?**: Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DINIZ, M. **Identidade e valorização do professor e da professora no processo de inclusão: desafios e perspectivas**. Disponível em: <<http://www.proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/palestras/palestra2.doc>>. Acesso em: 10 de julho de 2015.

DREYER, D. **A brincadeira que não tem graça**. Portal Educacional, 2005. Disponível em:<<http://www.educacional.com.br>. Acesso em 19 de junho de 2015.

FANTE, Cléo. **Programa “Educar para a Paz”**, 2002.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência das escolas e educar para a paz. 2ed. rev. e ampl. Campinas- SP: Verus, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 48ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito Racial**: Modos, Temas e Tempos. São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES NETO, A. **Bullying- comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v.81, nº5, supl. 0. Porto Alegre Nov.2005.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

MELO, J. A. **Bullying na escola** – como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo. 2ª Ed. EDUPE, 2010.

OLWEUS, D. Europe – Scandinava – Sweden. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano and P. Slee (eds). **The Nature of School .Bullying** – A cross-national perspective. London and New York: Routledge, 7-27, 1999.

PERNAMBUCO. Lei nº13. 995, de 22 de dezembro de 2009. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano LXXXVI, nº238, p.4,23 dez. 2009.

**PROGRAMA** de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em:<<http://www.abrapia.com.br>>. Acesso em 02 de junho de 2015.

SANTOS, G. R. C. M.; MOLINA, N. L.; DIAS, V. F. **Orientação e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. 20 Ed. Curitiba: Ibpx, 2007.

SILVA, A. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. 1ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. 1ª Ed. São Paulo: Ed Gente, 1996.

TIBA. I. **Quem ama, educa**. 154ªEd. São Paulo: Ed Gente, 2002.